

MEMÓRIAS SOBRE UMA MÃE DE SANTO: UMA PROBLEMÁTICA ACERCA DA DISCUSSÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA

BEATRIZ PEREIRA DA SILVA¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar e compreender aspectos relacionados à memória coletiva sobre Mãe Malvina e em que medida a mesma se constitui, para tentar entender quais trabalhos e discursos contribuem neste processo. Tendo como ponto principal desta análise apresentar aspectos recorrentes nos discursos que demonstrem uma solidificação desta memória coletiva e em que medida a história pode contribuir para uma análise da memória.

Palavras-chave: Memória. História. Umbanda. Mãe Malvina.

1. A história para análise da memória

De fato, temos essa visão ilusória de que a memória é alguma coisa que faz parte da natureza e, portanto, tem a capacidade de reconstituir uma relação objetiva com o passado. Na verdade, sempre reescrevemos, selecionamos e reelaboramos esse tempo. Nesse sentido, o passado é a coisa mais recente que existe, porque está sendo sempre reatualizado. A veneração por uma memória que fosse capaz de trazer de volta um passado fixo e definitivo tem a ver com a ideia linear do tempo e de que temos de ter certezas do passado, como se, ao não ter essas certezas, não tivéssemos chão para construir o presente nem o futuro – o que é um conforto muito desconfortável. (Mia Couto, 8 de novembro de 2014)

Essa é mais uma história sobre Mãe Malvina, escrita e descrita no presente a partir de percepções e problemas do presente, sabendo que jamais explicaremos quem realmente fora este sujeito histórico em sua totalidade, mesmo que se reúna um número significativo de fontes. Conformemo-nos que estas apenas nos abrem novas pistas e novas abordagens. Portanto esta análise é uma tentativa de problematizar essas diferentes falas, sobre um mesmo sujeito, Mãe Malvina.

A nossa personagem em questão nascera no ano de 1910, em 14 de setembro na cidade de Itajaí. Fora artesã, tecelã e segundo consta, começa a sentir sua mediunidade com idade

¹ Estudante de mestrado do Curso de Pós-Graduação em História pela UDESC na linha de pesquisa Linguagens e Identificações, sob orientação da professora Viviane Trindade Borges.

próxima aos 30 anos. Fundara seu terreiro “Centro Espírita de São Jorge” no ano de 1947, para carregar anos depois a imagem de pioneira da Umbanda em Florianópolis.

No dia 22 de junho de 1988, a notícia de sua morte vira capa do jornal O Estado, cujo título da reportagem dizia “Mãe Malvina morre e deixa a umbanda de luto”. Ao adentrarmos nas páginas do jornal, encontraremos a reportagem intitulada “Morre Mãe Malvina e termina 43 anos de luta pela umbanda”. A reportagem dedica-se a falar sobre a popularidade da mãe de santo e a sua luta pelo reconhecimento da religião desde 1945, data que o jornal diz ter sido instalado o terreiro de Malvina. Segundo a mesma, Mãe Malvina teria lutado pela religião que professava.

Entrevistas retiradas do trabalho de Tramonte (2001) nos apontam que a mãe de santo teria sofrido sérias perseguições por parte da polícia local durante algumas décadas após a criação de seu terreiro por volta dos anos de 1940. Porém, anos depois passa a ser reconhecida como pioneira da umbanda em Florianópolis. Após se tornar essa figura de tamanha importância, a mãe de santo vira tema de reportagens nas décadas de 1980, é tema do samba enredo da Consolado do Samba no ano de 2002, é citada na tese de Cristiana Tramonte em 2001 e em diversos trabalhos na UFSC.

Mas antes de ser mãe de santo, Malvina era uma mulher de seu tempo. E como supracitado, antes de lutar por sua religião fora tecelã e artesã, de origem humilde primeiro sofreu perseguição e preconceito para somente depois tornar-se a Mãe Malvina cristalizada na memória coletiva contida nos diversos discursos sobre a mesma. Discursos que cristalizam, se transformam e, por vezes, se repetem, para assim dizer quem fora Mãe Malvina e sua importância. Como se pode observar nesta fala;

Entrevistador: Sim. Você podia falar, lembra que você estava falando com a gente na primeira vez que a gente veio aqui com a Profa. Janice, de como a Mãe Malvina chegou aqui, você podia contar para gente.

Clio²: Bom, isso tem em livros até.

Entrevistador: Ah, mas a gente quer na sua voz.

Clio: Mas é quase a mesma coisa.³

² Optou-se por não revelar o nome de nossa entrevistada.

³ Esta entrevista seguiu um roteiro que fora construído com o intuito de responder algumas questões para a realização deste projeto de Patrimônio. A temática central do nosso projeto foi o patrimônio imaterial. A ideia se deu através do contato com a Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura – FCC, situada atualmente no prédio do Centro Integrado de Cultura – CIC – da cidade de Florianópolis. A Diretoria de Preservação foi à instituição escolhida para a realização do estágio curricular, e através dela conhecemos o projeto *Identidade*. Esta entrevista foi realizada no período vespertino e noturno, de acordo com a disponibilidade do entrevistado, assim como as visitas aos terreiros. O acompanhamento de rituais se deu a noite,

Essa fala demonstra o que Halbwachs procurou chamar de “memória coletiva”. Nessa entrevista temos o sujeito que lembra. Mas apoiada numa memória já cristalizada sobre a mãe de santo, nossa entrevistada não está interessada em nos contar suas experiências individuais, as experiências que a fizeram conhecer Mãe Malvina, por isso apoia-se nessa memória construída e constituída sobre a personagem.

Aparentemente, nesse diálogo, nossa entrevistada não nos conta nada de suas experiências, e ainda não nos diz nada sobre Mãe Malvina, mas se observarmos com atenção, veremos esta memória já materializada. Quando Clio nos diz “bom, isso tem nos livros até”, partimos da ideia de memória pronta, ou seja, esta memória não parte das vivências de nossa entrevistada, mas sim de uma memória já construída e que é coletiva. “A memória torna-se coletiva, quando separada do individual” (PORTELLI, 2006: 127), como acontece neste caso, como se a história já estivesse escrita e, portanto, se ouvíssemos a mesma na fala de Clio ou nos livros a diferença de narrativa seria mínima. Ou seja, esta memória coletiva já é uma história para muitas pessoas. Porém não estamos falando de história e nesse sentido Halbwachs coloca que;

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (HALBWACHS, 2006)

Hoje, lidamos com memória como uma fonte histórica, por isso ela merece uma análise crítica. Quando falamos de memória são lembranças vagas, por vezes contraditórias e sem nenhuma crítica às fontes. Nora (1993) aponta que a memória é sempre um fenômeno atual, a mesma só pode ser explicada pelo presente e retira do passado alguns elementos de ordenação. Já a História busca uma representação crítica sobre o passado, trata-se de uma operação intelectual que critica, analisa suas fontes e as interpreta.

Ao analisar outra entrevista, percebeu-se a contribuição significativa dos estudos de Halbwachs. Pois as questões a serem analisadas nas entrevistas, não são acerca de um passado que foi reconstituído por uma narrativa histórica, mas sim a presença de uma memória

no horário em que eles frequentemente ocorrem. (GRAÇA; MARTINS; SCHLICKMANN; SILVA, 2010: 7) O roteiro, assim como todas as entrevistas podem ser encontradas no projeto supracitado.

coletiva, tornando-se significativa ao longo dos anos por integrantes das religiões afro-brasileiras em Florianópolis. Onde esta, por assim dizer, tem um significado na construção de um ser coletivo para o povo-de-santo. Por conseguinte, quando algum integrante religioso fala, podemos perceber muitas características acerca de memórias que fazem parte do próprio universo religioso, das vivências e dos laços por ele estabelecidos. Como consta nesta fala, que demonstra a importância do ponto cantado nos rituais de umbanda;

(...) Além disso, ele faz parte do culto e do ritual, então quando o ritual está acontecendo essa música faz as pessoas se concentrarem no ritual porque no momento que você tem que cantar o ponto, tem que dar continuidade ao ritual as pessoas não se dispersam, porque existe uma movimentação de pessoas e seria muito fácil se dispersar, então a música também trabalha nesse contexto de trazer as pessoas para dentro do ritual, não só os médiuns da corrente, mas também a assistência... focar as pessoas para o que está acontecendo. Mas ela é essencialmente para a movimentação de energia dentro da doutrina mantrica.

Essa entrevista⁴ é de 2010, e podemos perceber pela fala de Daniel, que o mesmo narra o que é importante e significativo para ele nos pontos dentro dos rituais. Porém esta memória baseia-se em experiências coletivas de uma vivência que tem um sentido dentro do grupo religioso ao qual Daniel faz parte. Segundo Maurice Halbwachs (2006), as memórias se interpenetram, principalmente se for a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças ou até mesmo para preencher algumas lacunas, pode apoiar-se na memória coletiva, deslocando-se e se confundindo com ela em alguns momentos, onde nem por isso deixa de seguir seu caminho, pois a contribuição de fora é assimilada e incorporada de maneira progressiva à sua substância.

Aristóteles dizia ser a memória, a verdade sobre o passado. Mas sabe-se hoje que o historiador não é um memorialista e que a relação entre história e memória não é recente, mas sim a oposição entre as duas. Porém, sabe-se ainda que o debate entre história e memória está longe de ser um par de oposição e, talvez, seja este debate um dos fios condutores da História do Tempo Presente.

O tempo também é uma construção histórica, além de ser vivenciado de diferentes maneiras entre os diferentes povos. A necessidade de lembrar, guardar, preservar, e a

⁴ Entrevista realizada no ano de 2010, com um integrante da umbanda Daniel Antunes realizada no dia 21 de setembro de 2010. O terreiro frequentado por Daniel está localizado em Biguaçu, Grande Florianópolis. Já os terreiros dos demais entrevistado encontram-se no bairro Tapera, Estreito, e na Agrônômica no morro Nova Trento.

aceleração do tempo que permeia o presente, segundo Hartog (2013) possui um laço forte com memória e patrimônio, pois é devido a esta que nasce o que Pierre Nora (1993: 13) chama de “vontade de memória”, a qual, segundo o autor, nasce e vive do sentimento de que não há memória espontânea, é preciso criar arquivos e organizar celebrações.

A História do Tempo Presente, possibilitou uma análise crítica do historiador sobre questões relacionadas à memória, lembrando que história e memória estão longe de ser um par de oposição. Ricoeur (2006), ao dialogar com Halbwachs, discute não somente a memória coletiva, mas o papel fundamental do sujeito que lembra e dessa mediação do sujeito no ato de lembrar. A operação historiográfica, nesse sentido, discutida por Certeau e Ricoeur é fundamental para a análise da memória, pois a mesma pode ser problematizada pelo historiador.

Arrisco-me então, a apresentar-lhes algumas questões em torno da memória coletiva sobre Malvina. Já que é reproduzida não somente entre o povo-de-santo, mas está presente em discursos acadêmicos e em diferentes setores sociais que consolidaram Mãe Malvina como a pioneira da umbanda na capital do estado.

2. Saberes e memórias: Narrativas sobre Mãe Malvina

Mnemosine, mãe das Musas, e que sempre que queremos lembrar-nos de algo visto ou ouvido, ou mesmo pensado, calcamos a cera mole sobre nossas sensações ou pensamentos e nela os gravamos em relevo, como se dá com os sinetes dos anéis. Do que fica impresso temos a lembrança e conhecimento enquanto persiste a imagem; o que se apaga ou não pôde ser impresso, esquecemos e ignoramos. (Sócrates, 191 c d; Cf. 194 c- 195 a)

Mnemosine, como a própria lembrança, certamente representaria Mãe Malvina, como importante personagem na história e memórias da umbanda na cidade de Florianópolis. É difícil falar de umbanda na cidade, sem ao menos citar seu nome e fazer referência a sua importância. Mãe Malvina está presente em diferentes narrativas. Sendo esta análise, mais uma narrativa sobre sua história.

Não cabe, neste breve escrito, expor com maiores detalhes uma discussão profunda sobre as fontes aqui utilizadas, já que nosso objetivo é apresentar essas diferentes narrativas

sobre um mesmo sujeito. Como a mesma se consolida, por vezes se contradiz e como a história pode nos ajudar a compreendê-las.

Todos que procuram estudar sobre a história das religiões afro-brasileiras em Florianópolis, dificilmente não irão citar a Mãe Malvina como uma pessoa muito importante dentro da comunidade umbandista, ou até mesmo como a pioneira da religião na cidade. Como sabemos da importância de Mãe Malvina para a história da umbanda vamos procurar compreender os usos feitos da memória que se criou sobre nossa personagem histórica.

Mãe de Santo de um dos centros de umbanda mais frequentados do estado, a ex operária, Malvina Ciroso de Barros, 76 anos, batizada na Igreja Católica, viúva, quatro filhos e nove netos, já dedica 50 anos de vida a este trabalho com a religião. Aos 20 anos foi iniciada na umbanda porque sofria de ataques epiléticos, na realidade originários de sua sensível mediunidade. (Jornal O Estado, 08 de outubro de 1987)

Nos anos de 1980, através da circulação de notícias do jornal *O Estado*, onde a umbanda passa a ter visibilidade através da divulgação de festas, é apresentada uma umbanda da caridade, cujo pioneirismo e o símbolo de luta pela religião têm nome, Mãe Malvina. Nestas notícias, a mãe de santo é muito citada como uma espécie de símbolo da umbanda, quase que uma heroína da religião na região.

A pesquisa de Cristiana Tramonte (2001) aponta que é na década de 1980 que a umbanda começa a aparecer nas notícias de jornais de maneira positiva, através de divulgação de suas festas e da figura de Mãe Malvina, cujo terreiro teria sido o primeiro em Florianópolis. Toma-se, então, os anos de 1980 como um período importante de afirmação destas práticas, pois uma religião tão estigmatizada passa a ser vista de forma positiva nos jornais.

Segundo a autora, já nos anos de 1970 a mãe de santo apropria-se de “ferramentas” de afirmação do espaço cultural, religioso e social, através do sincretismo e das festas. Para ela, o espaço da festa é analisado como “elemento medular para entender a religião em sua totalidade”. E é a partir das festas, que Mãe Malvina cumpre uma função significativa para a afirmação da religião. Pois a festa cumpre uma função agregadora, articuladora e que foi o dinamizador dos processos de aproximação, liderança e negociação com vários setores sociais “de forma a construir o arcabouço que deu legitimidade e garantiu a prática religiosa afro-brasileira no período”.

Neste mesmo artigo, Tramonte aponta a mãe de santo como “a mais importante e tradicional yalorixá⁵ do estado de Santa Catarina”. E por vezes me pergunto se a própria Mãe Malvina sabia de sua importância, ou se a mesma era uma mulher de seu tempo, lutando para poder realizar seus cultos sem que fosse julgada por isso. Porém, a única resposta que temos, são as memórias, os discursos e as narrativas sobre a mãe de santo. Segundo a autora, é desde a década de 1970, em que a mãe de santo ganha prestígio e espaço social a partir de suas festas abertas ao público, porém pode-se observar nos anos de 1980 um discurso mais consolidado sobre Mãe Malvina.

As características principais acerca da memória construída sobre Mãe Malvina estão relacionadas ao seu pioneirismo e importância na cidade de Florianópolis, e esse discurso se mostra presente em diferentes momentos históricos chegando até os dias de hoje como mostramos em trechos de entrevistas realizadas no ano de 2010, em notícias dos anos de 1980 e como vimos agora na própria fala da autora supracitada. Indicando que esta memória não está tão somente nas falas de sujeitos que concederam entrevistas, mostra-se também em discursos autorizados, como o da academia.

Essas vozes apresentam estruturas e formas diferentes. Uma delas é o depoimento individual de sujeitos. Outra são as notícias de jornais, que com o intuito de informar, constrói sua narrativa. E ainda temos o trabalho de intelectuais, que formulam uma narrativa estruturada pela linguagem do discurso acadêmico (CRUIKSHANK, 2006: 155).

Exemplos sobre a cristalização desta memória são muitos, talvez o mais famoso dentre eles seja o do desfile de carnaval no ano de 2002, onde a escola Consolado, localizada no bairro Saco dos Limões em Florianópolis, sai na avenida com o samba enredo “Mãe Malvina, os Búzios não Mentem Meu Rei”, quando a afirmação dessa memória ganhará foros apoteóticos;

*Bate forte bateria, Ogunhê
Faz o povo balançar, odoiá
Avenida é um terreiro
Consulado faz a festa
Com a proteção dos orixás
BIS
Na cultura yorubá, consultando a ifá
Odudua cria o mundo
Sob as ordens de olurum
Senhor de orum e do destino*

⁵ Mesmo que mãe de santo. Babalorixá, seria o mesmo que pai de santo.

*Do pó com água, a terra
Do fogo a transformação
Ar, essência da vida
Estava firme esse chão
BIS
E o negro aqui chegou
Com a cultura nagô, fez sua dança
Crenças e religiões ele misturou no seu terreiro
Fundando a umbanda para o povo brasileiro
Caô, xangô, iemanjá, odoiá
Orixás das 7 linhas vou saudar
É a avenida transformada num gongá
BIS
Numa trajetória de luz e encanto
Foi a Bahia, ser mãe de santo
Malvina Mãe de paz e amor
Aqui chegando então fundou
O seu terreiro, São Jorge era o padroeiro
Grandes festas para Cosme e Damião
Que lhes davam proteção ⁶*

O início da letra faz menção a algumas características das religiões afro-brasileiras, buscando colocar de maneira cronológica o surgimento da vida, a chegada dos africanos no Brasil, as misturas culturais aqui estabelecidas até o surgimento da umbanda das sete linhas⁷ e o terreiro de Malvina que “numa trajetória de luz e encanto, foi a Bahia, ser mãe de santo, Malvina Mãe de paz e amor, aqui chegando então fundou”.

A parte da letra citada acima faz referência à trajetória de nossa personagem, uma trajetória idealizada, possivelmente sem conflitos. Ou seja, essa narrativa, além de apresentar essa imagem já consolidada sobre Mãe Malvina, idealiza sua trajetória, como se a mesma fosse isenta de sofrimento e contradições. Porém, estamos nos referindo a uma narrativa que fora construída para um evento, que é o carnaval. Sendo assim, não nos cabe uma crítica profunda sobre a letra, apenas apontar que a mesma é mais um elemento fundamental na consolidação dessa memória coletiva.

Pode-se dizer hoje que nossa personagem é um sujeito de discursos elaborados nas mais diversas instâncias e instituições. Com o passar do tempo, tais discursos vão se descolando do próprio sujeito histórico até assumir a imagem mítica construída social e

⁶ Letra da Consulado do Samba “Mãe Malvina, os Búzios não Mentem Meu Rei”.

⁷ Dentro da religião umbandista existe várias vertentes, a umbanda de sete linhas é uma delas, e que seria a umbanda praticada por Mãe Malvina.

historicamente. Como se pode observar neste samba enredo, onde a imagem que se tem sobre a mãe de santo já é a de um personagem socialmente construído.

Não cabe ao historiador, nesse sentido, duvidar, investigar a importância de nossa personagem, ou até mesmo verificar a veracidade de sua importância, apenas discutir e analisar como tais discursos foram construídos. Como nos diz Alessandro Portelli (2006), é tarefa do especialista se afastar do seu objeto, respirar fundo e posteriormente voltar a pensar, pedindo o devido respeito às pessoas envolvidas nestas análises, pois é tarefa do historiador interpretar criticamente todos os documentos e narrativas.

Os poucos investimentos feitos ainda em relação a esta temática apontam para um processo de construção de um sujeito onde estas falas, que vimos até agora, são materializadas ao longo da história e em determinado momento. Vejam que os narradores dessa memória são pessoas gabaritadas, desde os praticantes da umbanda, até jornalistas e intelectuais. São memórias que nem sempre são vividas por quem as conta, mas que se fundamentam no discurso constituído.

A história até então contada sobre Mãe Malvina, faz parte de uma narrativa social e historicamente construída onde essa memória ganha forma a partir da década de 1980, quando a imprensa passa a noticiar e a tratar a religião de forma positiva e posteriormente pesquisadores acadêmicos procuram dar visibilidade à umbanda.

A esse respeito, foram também apresentadas duas falas de pessoas entrevistadas no ano de 2010, ambas jovens de até 30 anos de idade e praticantes da umbanda na cidade de Florianópolis. Esses sujeitos nos concederam seus depoimentos com o intuito de nos apresentar sua trajetória dentro da religião. Porém, mesmo tratando-se de depoimentos individuais, sabe-se que a “memoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos” (DUVIGNAUD, 2006: 12).

Nesse sentido, segundo Ricoeur (2006), são os indivíduos que se lembram, enquanto membros de um determinado grupo social. Portanto agrada-nos dizer que cada memória individual pode ser um ponto de vista acerca de uma memória coletiva e que, de certa maneira, esse ponto de vista muda segundo o lugar que esse sujeito ocupa. E que esse lugar também muda segundo as relações que as pessoas mantêm com o mesmo.

Para finalizar, gostaria de colocar que se toda a memória parte do presente, a partir de nossa entrevistada Clio podemos observar que no ano de 2010, quando a entrevista fora

produzida, a história de Mãe Malvina já está consolidada de tal maneira que nossa entrevistada, num primeiro momento, optou por não nos revelar suas experiências individuais de quando e como teria ouvido falar de Mãe Malvina. Ao invés disso nos disse “está nos livros até”.

Deve-se ressaltar então, que a fala de nossa entrevistada nos leva a crer que mesmo quando nossa personagem aparece nos livros e trabalhos acadêmicos, estas narrativas não pretendem problematizar a construção desta memória, pois de certa forma foram às mesmas que deram visibilidade a umbanda em Florianópolis a partir da década de 1980, e que vieram a se materializar em seus próprios discursos ao longo do tempo.

Segundo a autora Julie Cruikshank (2006) os relatos orais contêm em si a experiência subjetiva, que por sua vez é reconhecida como uma virtude da história oral. Os fatos contêm, nas histórias de vida, “percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa”. Onde a abordagem do historiador se interessa, necessariamente, pela formação das narrativas e pelos meios que estas foram empregadas para influenciar e firmar a memória. (CRUIKSHANK, 2006: 156)

Sendo assim concluo que aos poucos, preocupei-me⁸ em problematizar a construção desta memória, buscando a análise de algumas narrativas ao longo do tempo. Porém algumas lacunas ainda podem ser encontradas nestas análises, como uma investigação mais profunda sobre a história de vida de nossa personagem, para além destas narrativas já consolidadas, estando sempre atenta a questões relacionadas à história e biografia.

Segundo Halbwachs (2006), a memória é essa corrente de pensamento contínuo, que é a memória coletiva, que nada tem de artificial e que retém do passado senão o que ainda está vivo. Portanto, se esta memória encontra-se viva, buscar-se-á em trabalhos posteriores instituir quem teria sido Malvina para além dos discursos constituídos. Creio então que as respostas destas questões, ainda estão por serem construídas e narradas.

Referências:

⁸ Ver trabalho: SILVA, Beatriz Pereira. **Entre Relatos e Memórias: Mãe Malvina como um marco na história da umbanda a partir dos anos de 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da UDESC como requisito parcial para obtenção do título de graduação. 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHUVA, Márcia (org.). **A invenção do patrimônio: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN, 1995.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

DUVIGNAUD, Jean. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Prefácio.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004, p. 29-94.

HARTOG, François Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006.

_____, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p. 09-40.

LUCA, Tania Regina. História nos, dos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. Editora Contexto. São Paulo, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella. In: **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/ SP; Unicamp, 2007, p. 247-301.

SILVA, Beatriz Pereira. **Entre Relatos e Memórias: Mãe Malvina como um marco na história da umbanda a partir dos anos de 1970**. Trabalho de Conclusão de Curso, História da UDESC, 2013.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a bandeira de Oxalá!:** Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALE, 2001.

TRAMONTE, Cristiana. **Estratégias Intelectuais no cenário brasileiro: a festa como educação para a paz**. REP. Revista Espaço Pedagógico, v.17, n.2, p. 240 – 251, 2010.

O Estado, Mãe Malvina morre e deixa a Umbanda de luto, Florianópolis (SC), 22 de junho de 1988, capa.

O Estado, Morre Mãe Malvina e termina luta de 43 anos pela umbanda, Florianópolis (SC), 22 de junho de 1988, p. 9.

O Estado, Mãe Malvina, 50 anos dedicados aos trabalhos de um centro espírita, Florianópolis (SC), 08 de outubro de 1987, p. 4.

ANTUNES, Daniel. **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**. 21 de setembro de 2010. Florianópolis. Entrevista concedida para a realização do projeto da disciplina de Prática Curricular de Patrimônio Cultural II.

CLIO. **Em busca dos terreiros: cultos, batuques e as expressões religiosas afro-brasileiras em Florianópolis**. 09 de agosto de 2010. Florianópolis. Entrevista concedida para a realização do projeto da disciplina de Prática Curricular de Patrimônio Cultural II.